

# Pesquisa em Ação Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello  
(Organizador)



 Editora  
**Atena**

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

**Pesquisa em Ação**  
**Trilhando Caminhos em Educação**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-00-0  
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinar Steinle</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>33</b>
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>39</b>
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>50</b>
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>58</b>
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>68</b>
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>80</b>
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>89</b>
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>97</b>
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>105</b>

## UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRILEITURAS NA ESCOLA<sup>1</sup>

**Josimara Wikboldt Schwantz**  
josiwikboldt@hotmail.com

**Carla Gonçalves Rodrigues**  
cgrm@ufpel.edu.br

### Introdução

Para compor esta pesquisa apostou-se na temática do aprender ao acionar uma perspectiva filosófica da diferença, mais especificamente, nas obras de Deleuze (1988; 2003). De acordo com o autor (DELEUZE, 2003), tudo aquilo que ensina algo emite signos que não são incididos de abstrações, pelo contrário, são objetos de um tempo real e presente. Só há aprendizagem na medida em que se constroem os próprios problemas, produzindo um pensamento.

Aprender requer essencialmente a ação de interpretar signos, pois é ele o objeto do encontro e que exerce uma força sobre aqueles que o interpretam, “o acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado” (DELEUZE, 2003, p. 15). O que força a pensar são os signos. É deles que emanam as forças que violentam o pensamento no embate com alguma matéria. Não há como significá-los. Eles só podem ser sentidos, pois “nem existem significações explícitas nem ideias claras, só existem sentidos implicados nos

signos” (Ibid., p. 91).

A professora acredita na possibilidade de articular conceitos que contribuirão para pensar nas estratégias de enfrentamento dos problemas vivenciados na educação no que tange aos modos com que são realizados os processos do aprender docente e estudantil. Tem como objetivo cartografar a transformação disposta na relação de *um* aprender. Traz como problema de pesquisa uma questão: Como são realizados os processos do aprender de *uma* professora e dos estudantes junto às Oficinas de Escrileituras? Os caminhos tracejados no mapa servem de matéria prima na composição das linhas de uma vida docente que aprende, pois há ali um ato de decifração. As trajetórias percorridas pela professora, em cada curva alcançada, a cada aventura desbravada nesta empreitada, são emissores de signos

### Signos que passaram na Oficina de Escrileituras

A Oficina *Filodança* foi realizada pelo núcleo UFPEL com uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola da cidade de Pelotas/RS em 2013. Este trabalho é apresentado em sua forma extensiva, na composição que o fizeram acontecer. Uma tentativa de demonstrar como se

1 Este texto faz parte da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL intitulada Transformações de um aprender: escrileituras em meio à vida, defendida em fevereiro de 2015.

constitui *um* aprender dos estudantes junto ao Projeto Escriteiras. Se aprender é criar os próprios problemas a partir de um encontro que emite signos, de que forma a Oficina promoveu encontros e aprendizagens? Como outras Oficinas<sup>25</sup>, também, produziram aprenderes?

A Oficina *Filodança* deu-se em razão das necessidades de se investigar as potências do corpo e sua influência no ato de ler e de escrever por uma criança estudante. Considerando o corpo como sendo tudo (NIETZSCHE, 2006) e entendendo-o como um produtor de intensidades, foi pertinente pensá-lo como um lugar de problematização que se relaciona com os escritos e questiona o mundo. Houve encontro com as ideias sobre corpo em Spinoza (2007) e em Nietzsche (2006). A biografia da autora Clarice Lispector foi apresentada a eles. Houve a experimentação de leitura para discutir sobre *A vida íntima de Laura* (LISPECTOR, 2013).

A história de Lispector é movimentada por muitos questionamentos realizados ao leitor. Esse movimento fez com que os alunos participassem com mais curiosidade ao trabalho. Em conversa coletiva, após a leitura, as crianças foram sendo questionadas: *Quem era Laura? Porque a autora quer contar a vida íntima de uma galinha chamada Laura? Quais eram os pensamentos de Laura?* Neste momento, elas participaram respondendo às questões que a autora e osicineiros realizavam.

Dois movimentos foram planejados para a produção de escrituras como tentativa de operacionalizar as escriteiras no instante da Oficina. O primeiro se deu a partir da ideia de escrever uma carta à galinha. Algumas crianças ficaram animadas com a proposta feita. Dos 25 alunos, 16 se propuseram a participar. Uma folha foi disponibilizada. Seis deles utilizaram desenhos para representar a galinha, além de expressar-se em pequenas frases.

Considerando que, para Deleuze (2003), o ato de pensar vai além do representar, não há dúvidas em relação ao ato cognitivo e representacional realizado por alguns dos estudantes diante da proposta de escritura epistolar direcionada à personagem principal do livro. Esse movimento demonstrou a frágil capacidade, ainda, de invenção pelas crianças ao modificar a realidade em questão a partir da escritura. Neste primeiro movimento da Oficina, foi percebida uma resistência à fabulação, fato ocasionado pela pouca exploração da escrita para determinado fim.

*“A Laura tinha muita mania de comer”* (Alice).

*“Laura tinha filhinhos, ela gostava de comer porque ela tinha mania”* (Dorothy).

*“Laura gostava de comer porque tinha mania. Laura é feliz do seu jeito. Beijo Laura”*  
(Ruth).

É possível considerar estas escrituras a partir de algo que inflama este movimento analítico: o efeito das questões realizadas pelosicineiros após a leitura do texto de

---

25 Foi escolhida uma Oficina de cada um dos Núcleos do Projeto Escriteiras realizada com crianças no ano de 2011 para a composição da pesquisa: Oficina *Cores, sabores e texturas* [Núcleo UFMT]; Oficina *Filoescritura com Kafka* [Núcleo UFRGS]; Oficina *Vida! Hoje tem espetáculo* [Núcleo Unioeste]. Oficinas estão disponibilizadas no Caderno de notas 5 (RODRIGUES, 2013). A Oficina *Filodança* [Núcleo UFPel] não está disponível no Caderno de notas 5, pois foi um trabalho efetivado em 2013.

Lispector. Os problemas criados se tornaram frágeis em razão daquilo que se queria propor: um pensamento. A significação foi o efeito ocasionado em razão das perguntas direcionadas como, por exemplo, *Quem era Laura?* De acordo com Deleuze (1988, p. 243), sabe-se “que o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas fazer com que nasça aquilo que ainda não existe [...]”.

Dessa maneira, fez pensar em como foram criados os problemas durante o planejamento da Oficina, pois não causaram a implicação desejada: a produção do pensamento a partir de algo que o force a pensar. Mostra-se importante olhar com atenção para este aspecto de como produzir perguntas de maneira a alcançar *um* aprender. Os problemas não são dados, mas devem ser constituídos e investidos em campos simbólicos que lhes são próprios, de modo que viole o pensamento. Um problema não existe fora de suas soluções, mas está intimamente implicado com o sentido que é dado a elas, de acordo com as circunstâncias estabelecidas (DELEUZE, 1988).

A professora percebeu, nos escritos de alguns dos estudantes, aquilo que para eles ficou mais evidente após a história ter sido contada: a relação com a comida. Um fato que chamou a atenção dosicineiros foi a constante “mania de comer” que as crianças tinham, tal qual Laura. A todo o momento das atividades, eles estavam mastigando algo, além de dois intervalos para refeições, um cedido pela escola e outro para aqueles que levavam seu próprio lanche. Tratou-se de uma ocasião pouco explorada pelosicineiros que desenvolveram a Oficina, não aproveitando esse espaço para experimentar o corpo ao alimento, de maneira a observar o acontecimento derivado desta ação, indo ao encontro da ideia trabalhada na Oficina de Escrita *Cores, sabores e texturas. Fantasias do corpo em cena* (BIATO, 2013, p. 99).

Em razão de um questionamento<sup>26</sup> movido pelos pensamentos da professora-que-aprende, de acordo com as palavras daicineira que conduziu o trabalho acima, detecta que o aprender está relacionado à percepção. Uma maneira possível de transcriar a saúde ao corpo, afirmando a relevância de operar uma escrita de si como “produção de si, de estilos de individuação” [resposta de Biato ao questionamento da professora].

Retornando à análise sobre os escritos dos estudantes participantes da Oficina *Filodança*, pode-se considerar a matéria *comida* como um signo sensível potente, pois é da ordem dos sentidos [sabor] que causa um efeito de alegria, também possibilitando a relação entre memória involuntária e a própria imaginação. O aprender é movido nesta circunstância em razão de que há um encontro com a *comida* e *Laura* de maneira que estes objetos “faz realmente nascer a sensibilidade no sentido [...]. Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser *do* sensível (DELEUZE, 1988, p. 231) oferecendo a possibilidade de escrever.

A Oficina *Filodança* tentou favorecer essa percepção, de *um* corpo que, ao se movimentar, é suscitado a escrever pelas forças advindas do meio, um processo de escrita. Não há paradas obrigatórias [para ler; para escrever; para pensar] nem

26 Questionamento realizado via e-mail: De que maneira(s) se constituiu (constituíram) a(s) aprendizagem(ns) do ler e do escrever na Oficina de Escrita denominada *Cores, sabores e texturas. Fantasias do corpo em cena*?

fluxos contínuos, mas escrituras intermitentes que se movimentam em um tempo que é redescoberto (DELEUZE, 2003), pela invenção de problemas que deem a pensar, alcançando *um* aprender a partir de *um* corpo à espreita. Esse processo de escuta ao corpo remeteu à Oficina de Escrita *Vida! Hoje tem espetáculo!*<sup>27</sup> (BRACHT, 2013).

As máscaras produzidas durante a Oficina *Vida!* emitiram signos aos estudantes no momento em que serviu como “disparador do autoconhecimento e do conhecimento do outro, fazendo nascer momentos de registros escritos informais e formais [...]” (BRACHT, 2013, p. 225). Assim é possível verificar a alternativa de criar, não somente em meio ao teatro, à dança e às artes, mas pelas escrituras, um sentido a si mesmo, desmascarando as identidades incrustadas no corpo-aprendiz que lê e escreve a partir daquilo que lhe toca.

Na continuidade da Oficina *Filodança* dentro da sala de aula, ao terminarem suas escrituras direcionadas à galinha Laura, as crianças se prepararam para assistir um fragmento do filme *Billy Elliot*<sup>28</sup>. Uma tentativa de demonstrar como a dança pode modificar o modo de pensar sobre o mundo e se relacionar com ele, colocando o corpo em movimento a partir de uma potência que vibra dentro de cada um. As classes retiradas de seus lugares e o chão constituíam o local disponível naquele instante.

Antes de saírem para o recreio, cada participante retirou, de uma caixa, pequenas frases recortadas do material literário (LISPECTOR, 2013) e dos conceitos filosóficos discutidos (NIETZSCHE, 2006; SPINOZA, 2007). Cedeu-se um espaço para o aluno que quisesse ler sua pequena frase. Apenas dois estudantes realizaram a leitura com certa dificuldade no próprio ato de ler, mas compreendendo a proposta de retomar o que tinham trabalhado no primeiro momento da Oficina. Alguns alunos manifestavam a rejeição ao trabalho afirmando com palavras firmes: “*eu não leio direito*” ou, até mesmo, “*eu não sei ler*”. Esta inibição ao realizar a tarefa de leitura leva a considerar o postulado evidenciado por Deleuze (1988) sobre o “negativo do erro”. O erro é visto como um desvio do correto a se pensar, uma falha do bom senso. O que se desvia desses moldes é tido como loucura, besteira.

Com o retorno do recreio algumas dificuldades foram encontradas em retomar o trabalho, pois as crianças estavam muito dispersas. O que se percebia, naquele momento, era uma necessidade do corpo expressar-se, como o grito por um espaço em que ele pudesse respirar, articular-se, misturar-se àquele ambiente. O corpo discente escolar pedia passagem a essa liberdade no instante em que se apropriava do novo espaço da sala de aula e, também, ao desejar não estar mais naquele ambiente, pelo menos, no tempo em que foi definido para se estar lá [quatro horas por turno] e o que se aproveita em matéria de aprendizagem, nesta ocasião. Há transformação de *um* corpo que reage. *Uma* metamorfose.

A Oficina de Escrita denominada *Filoescrituras com Kafka: experimentações no ensino fundamental* (SCHULER, 2013, p. 17) é incitada neste instante, por transcender

---

27 Oficina de Escrita realizada em 2011 pelo Núcleo Unioeste. Disponível no Caderno de notas 5 da Coleção Escrita (RODRIGUES, 2013).

28 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jXd967T6mno> >.

aprendizagens à professora. Em razão de outro questionamento<sup>29</sup> movido pelos pensamentos da professora-que-aprende, agora direcionado à oficinaira Betina Schuler, é possível detectar, de acordo com as palavras dela, que conduziu o trabalho acima, que o ato de ler e escrever é tomado por uma experiência intensiva a partir de uma apropriação das forças que se expressam nos textos construídos. Dessa forma, ela afirma um aprender em escrituras passando por três funções: política [que busca atravessar toda uma maquinaria na linguagem que é tomada por representação]; ética [que problematiza os modos de subjetivação na contemporaneidade]; estética [que produz outras possibilidades de vida e pensamento].

Na metamorfose de *um corpo que reage*, volta-se à Oficina *Filodança*. Os estudantes entraram para a sala. O prosseguimento daquilo que tinham trabalhado no período anterior ao intervalo tornou-se importante para ativar o processo de produção do conhecimento. Dessa forma, questionou-se: *O que isso que eu li, a partir daquilo que estudei, me faz pensar e me faz escrever?* Nenhum aluno respondeu. A passividade, movida pela dispersão, unida à falta de vontade de participar preocupou os oficinairos. No entanto, fez pensar que esse silêncio possa ter sido o gerador de um pensamento em torno da questão realizada, como possibilidade não de respondê-la, mas de sair dela. Para Deleuze (DELEUZE; PARNET, 1998), há devires que atuam em silêncio; portanto, tornam-se imperceptíveis. Um devir “é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade [...]” (Ibid., p. 10).

Seguindo, como atividade final, convidaram-se os discentes a criar um dicionário de novos sentidos, a partir de palavras selecionadas em torno de alguns conceitos que tinham trabalhado e discutido na Oficina, consolidando-se o segundo movimento de escrita. Abertura, também, à condição de Transcrição (CORAZZA, 2011b), que opera um texto que é traduzido e composto a uma nova língua na própria língua. Um movimento de expressão escritural que abarca a possibilidade de criação sobre um texto existente que, ao ser traduzido, sofre transformações, desvinculando-se do original.

Palavras eleitas foram usadas para a composição escritural [dicionário] das crianças, a partir daquilo que estudaram durante a Oficina: *corpo; alma; escrever; palavra; criança; íntimo, pensamento, si*. Para auxiliar na compreensão de como operacionalizar a atividade final, a leitura do livro *Girafa não serve pra nada* (ARAGÃO, 2000) foi praticada. Este material literário cintilou afecções nos estudantes e favoreceu a produção de escrituras.

Foi possível perceber, a partir da escritura de uma criança para o dicionário, a estreita relação feita diante do sentido de escrever. Para eles, esse trabalho é movido pela intensidade com que copiam “coisas” do quadro e dos livros didáticos:

“Escrever é como copiar” (Willy).

Uma resistência ao escrever, permeada de angústia, foi percebida de imediato. Tomando-se por base a análise apresentada por Deleuze (2003) diante da obra de Proust,

29 Questionamento realizado via e-mail: De que maneira(s) se constituiu (constituíram) a(s) aprendizagem(ns) do ler e do escrever na Oficina de Escrituras denominada *Filoescritura com Kafka: experiências no ensino fundamental?*

a angústia é um efeito causado pelos signos amorosos. A faculdade que interpreta esse signo é a inteligência, que é suscitada a acalmar esse sofrimento, sendo preciso transmutar em alegria.

*“Alma: vento que controla o corpo” (Manoel).*

No momento em que a proposta foi destituída de uma “avaliação final”, as escrituras foram acontecendo, sem qualquer exigência de uma gramática “correta” da Língua Portuguesa. Mais uma vez a destituição de uma imagem dogmática que só reconhece o erro como uma “desventura do pensamento” (DELEUZE, 1988, p, 244). O signo amoroso foi interpretado pelos oficinairos na medida em que manifestou uma escritura possível, de maneira que “seu sentido se encontra na contradição daquilo que revelam e do que pretendem esconder” (DELEUZE, 2003, p. 80). Desse modo, a escritura apresenta uma incongruência entre aquilo que foi afirmado pelos estudantes, “*Não sei escrever*”, e o que de fato revelaram, ao inventar palavras no dicionário, enfrentando as dificuldades apresentadas no primeiro momento da Oficina quando escreviam uma carta à galinha Laura, personagem do material literário de Lispector.

*“Alma é uma coisa que está dentro da gente. Quando uma pessoa morre não é a alma que morre é o corpo que para de se mexer” (Sophia).*

Dos signos emitidos aos efeitos que levaram alguns estudantes a escrever, havia potência na leitura realizada em torno das matérias agenciadas ao ato de escreiturar. As ressonâncias produzidas em torno de *um* aprender configuraram as transformações de uma escritura. Aprenderam na medida em que o processo se movimentou na busca por uma verdade que cada um interpretou a sua maneira. A concepção filosófica de Deleuze (1988; 2003) se mostra potente, também, por sensibilizar o olhar do professor diante dos signos emergidos em uma sala de aula, por exemplo. E, propiciar, pelo agenciamento de matérias, a redescoberta de um tempo que reúne o sentido e o signo, alcançando *um* aprender que menos se faz por métodos, mas pela necessidade de construção de verdadeiros problemas, na perspectiva teórica adotada.

### **Aprender em Escreituras**

*Um* aprender em Escreituras é possível porque o Projeto apostou na potência das passagens de vida como matéria de escritura. *Um* aprender, igualmente, pela experiência que serve de condição para escrever. *Um* aprender que é processado no próprio texto, no momento em que escreve pelos pensamentos que são acionados na realização dos agenciamentos possíveis que cada um faz. *Um* aprender pelas Escreituras é possível, pois o texto criado é composto por uma heterogeneidade de elementos, de gente e de vidas que são lidos e escritos, necessitando ser traduzido de variadas formas.

Não se aprende em Escreituras por um método linear e pragmático, aprende-se de modo artístador, um método tipo rizoma, que corre por fluxos, por linhas que se cruzam e enxergam as forças emanadas do trabalho efetivado. É por meio dos experimentos realizados, durante os quatro anos de pesquisa no Projeto Escreituras, que a professora

aposta no estudante-que-experimenta-e-aprende sendo capaz de criar suas próprias composições textuais, com seus estilos singulares, a partir dos agenciamentos alcançados.

Por fim, a professora se vê em caminhos que são desenhados diante de uma vida. Descobre a aprendizagem nos lugares todos, na intensidade de um plano que se faz pelos afectos agenciados a partir das trajetórias e das matérias oferecidas e dispostas para *um* aprender, não somente na escola, mas nela e além dela, na Arte, na Filosofia e na Ciência. A trajetória afeta diretamente uma professoralidade, pois esta escolha está relacionada ao lugar que se deseja chegar e isso acarretará uma série de encontros, potencialidades e causalidades, bem como Alice [no País das Maravilhas] se depara em cada caminho que eleger como seu.

- Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?
- Depende bastante de para onde quer ir, respondeu o Gato.
- Não me importa muito para onde, disse Alice.
- Então não importa que caminho tome, disse o Gato.
- Contanto que eu chegue a *algum lugar*, Alice acrescentou à guisa de explicação.
- Oh, isso você certamente vai conseguir, afirmou o Gato, desde que ande bastante (CARROLL, 2009, p. 76-77).

## Referências

ARAGÃO, José Carlos. Girafa não serve pra nada. São Paulo: Paulinas, 2000.

BIATO, Emília Carvalho Leitão. Cores, sabores e texturas. Fantasias do corpo em cena. In RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). Caderno de notas 5. Oficina de escrituras: arte, educação, filosofia. Oficinas produzidas em 2011. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2013.

CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. Projeto de pesquisa: Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Notas para pensar as Oficinas de Transcrição (OsT). In HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). Caderno de notas 1: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

COSTA, Luciano Bedin da. Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Proust e os signos. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

LISPECTOR, Clarice. A vida íntima de Laura. Online. Disponível em: <[http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector\(1\).pdf](http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector(1).pdf)> Acesso em nov. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falava Zaratustra. Tradução de Ciro Mioranza. Série Filosofar. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). Caderno de notas 5. Oficina de escrituras: arte, educação, filosofia. Oficinas produzidas em 2011. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2013.

SCHULER, Betina. Filoescritura com Kafka: experimentações no ensino fundamental. In RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). Caderno de notas 5. Oficina de escrituras: arte, educação, filosofia. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

## SOBRE OS AUTORES

**Alberto d'Ávila Coelho** Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

**Amélia Teresinha Brum da Cunha** Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

**André Luis Ferreira Andrejew** Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Carla Gonçalves Rodrigues** Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

**Carla Vargas Bozzato** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Catiúscia Daniela** Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Cynthia Farina** Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.<sup>a</sup> do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

**Denise Nascimento Silveira** UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

**Fabrcio Monte Freitas** Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

**Haidi Werhmann Reinar Steinle** Psicopedagoga Clínica e Institucional.

**Josimara Wikboldt Schwantz** Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

**Jorge Garcia** Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

**Juliana Boanova Souza** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

**Jussara Senna Costa Duarte** Mestra em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

**Lidiane Maciel Pereira** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

**Luis Roberto Volz de Oliveira** Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

**Maicon Farias Vieira** Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

**Marcio Nilander Ávila Barreto** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

**Marta Lizane Bottini dos Santos** Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

**Neemias de Oliveira Steinle** Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

**Ronaldo Luís Goulart Campello** Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

**Ursula Rosa da Silva** Dr.<sup>a</sup> em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

**Vera Lúcia Cardozo Bagatini** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-00-0



9 788585 107000